


Tática e modelo de jogo no handebol

 <https://doi.org/10.56238/sevened2024.026-004>

Luvanor Santana da Silva

Doutorando em Ciências Fisiológicas pela Universidade Federal de Pernambuco-Centro Acadêmico de Vitória(UFPE/CAV)

E-mail: luvanor.silva@ufpe.br

Francisco Xavier dos Santos

Doutor em Sociologia pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Docente da Universidade Federal de Pernambuco- Centro Acadêmico de Vitória(UFPE/CAV)

E-mail: francisco.xaviersantos@ufpe.br

Wilson Viana de Castro Melo

Doutor em Tecnologias Energéticas e Nucleares na área de Dosimetria e Instrumentação Nuclear pela Universidade Federal de Pernambuco – (UFPE), Docente da Universidade Federal de Pernambuco-Centro Acadêmico de Vitória(UFPE/CAV)

E-mail: wilson.viana@ufpe.br

Iberê Caldas Souza Leão

Doutor em Neuropsiquiatria e Ciências do Comportamento pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Docente da Universidade Federal de Pernambuco- Centro Acadêmico de Vitória(UFPE/CAV)

E-mail: ibere.leao@ufpe.br

RESUMO

Objetivou-se discutir o processo de ensino e treinamento da tática no handebol, afim de possibilitar um modelo de jogo para o ensino desse esporte. Trata-se de uma revisão narrativa de caráter descritiva e exploratória, sobre o handebol no que concerne ao uso dos elementos táticos. Foram utilizadas as bases de dados do Bireme, Pubmed, Scielo e SPORTDiscus. O período de busca dos estudos foi de 2013 a 2023. Foram encontrados 1.142 estudos, após análise destes 241 ficaram elegíveis e apenas 19 conseguiram se adequar aos critérios da pesquisa. Destaca-se que os treinos não devem estar baseados apenas em métodos tradicionais de ensino e treinamento. A partir da análise realizada com este estudo, a aprendizagem dos fundamentos táticos defensivos e ofensivos no handebol, facilita o processo de ensino-aprendizagem-treinamento da modalidade, propiciando uma possível construção de um modelo de jogo.

Palavras-chave: Ataque, Defesa, Jogo, Tática, Treino.

1 INTRODUÇÃO

O handebol é uma modalidade esportiva coletiva (MEC) de cooperação, oposição e invasão do terreno adversário, necessitando que o atleta apresente uma performance associada a competências fisiológicas, emocionais e cognitivas dos aspectos técnicos e táticos do esporte (Caldas, 2014). Assim, o processo de ensino-aprendizagem-treinamento (E-A-T) do handebol exige que os profissionais oportunizem os atletas para uma apropriação de situações que ocorrem no jogo, especialmente aquelas que favoreçam a inteligência e a criatividade (Galatti et al., 2014).

No handebol brasileiro, pesquisas relacionadas ao processo de E-A-T dos fundamentos táticos são raras e incipientes, fornecendo subsídios quase exclusivamente dos aspectos relacionados a metodologia de ensino, aptidão física, análise de jogo e que dizem respeito a melhoria das capacidades físicas inerentes ao desempenho (Pombo, Baldy, Pereira, 2016). A literatura trata também do processo de E-A-T de situações táticas de jogo no âmbito escolar, formação de jogadores inteligentes, isso exclusivamente sobre as categorias de base (Castro, 2013).

O ensino dos conceitos táticos do handebol brasileiro diz respeito a caminhos que a Confederação Brasileira de Handebol (CBHb), órgão que gerencia a modalidade no país, tem lutado por resultados perante os mais difíceis adversários em jogos desportivos sul-americano e panamericano, campeonatos mundiais e jogos olímpicos (Uzeu, 2014).

Sobre as mudanças e conceitos táticos, Anton (2002); Ibañez, Jiménez e Antúnez (2015) apontam que a tática de jogo se relaciona à adequação dos comportamentos planejados frente as estratégias da equipe adversária. O desenvolvimento da tática no jogo é estabelecido a partir das características dos atletas e do oponente, de forma que sejam menos vantajosas temporal e espacialmente para os adversários.

Ainda sobre tática, Anton et al., (2000); Scaglia, Reverdito, Leonardo e Lizana (2013), afirmam que essa compreende a totalidade das ações individuais, de grupo e coletivas de uma equipe, ver tabela 1, desenvolvidas racionalmente de acordo com o regulamento do jogo, visando êxito nas mesmas. A tática também pode ser definida como o conteúdo cognitivo das equipes que se enfrentam, assim a essência do esporte coletivo, se caracteriza pelas intenções dos jogadores e que cada equipe coopera entre si na busca de um objetivo, fazer mais gols (Mendes, 2020; Rigon et al., 2022).

No handebol, o treinamento tático pode ser dividido em fases: inicial (08 a 12 anos), o aprendizado ocorre por processos incidentais (jogos e brincadeiras); posicional ou setorial (14 a 16 anos), enfatiza-se a melhoria das descoberta e decisões, colocando o atleta em diferentes posições de jogo, para que descubra onde melhor atuará e perceba a responsabilidade de cada posto específico; e a fase situacional (16 anos em diante), na qual há o aperfeiçoamento da tomada de decisão, nas diferentes posições, já pensando na especialização diante das estruturas funcionais que os sistemas de defesa e ataque proporcionam (Menezes, Reis e Filho, 2015).

Conforme Dallegrave, Berno e Folle (2017), o treino tático baseado em situações problemas, propicia maior desenvolvimento da capacidade de jogo nas situações que surgem numa partida. Esse tipo de treino fomenta o trabalho de cooperação, autonomia na tomada de decisão e a interação dos atletas nas tarefas dentro da equipe. Espera-se formar atletas mais inteligentes e criativos, que deverão saber resolver de maneira efetiva problemas que enfrentarão (Ibañez, Feu, Cañadas, 2016).

Na tabela 1 abaixo, seguem as ações táticas dos atletas no handebol.

Tabela 1 – Ações táticas individuais, de grupo e coletivas, defensivas e ofensivas do Handebol.

Ações Táticas Defensivas		
Individual	De Grupo	Coletiva
Cobertura	Flutuação	Flutuação
Dissuasão	Troca de marcador	*Postos específicos
Flutuação	*Postos específicos defensivos	**Sistemas de defesa
Interceptação	----	----
Pressão	----	----
Ações Táticas Ofensivas		
Individual	De Grupo	Coletiva
Bloqueio ofensivo	Circulações	Desdobramento
Cortina	Cruzamento	Engajamento
Penetrações	*Postos específicos ofensivos	**Sistemas de ataque
Quebra de sentido	----	----
----	----	----

(Silva, 2024)

*Postos Específicos - São zonas parciais do jogo defensivo e ofensivo, de dimensões estimadas, com possibilidades táticas e reais de ações úteis; eles determinam os sistemas de defesa e ataque nos quais as equipes atuam (Caldas, 2014).

**Sistemas de Defesa e Ataque - Dentro da tática coletiva os sistemas de defesa e ataque se apresentam como maneiras pelas quais a equipe se apresenta numa zona do campo de jogo. Estes são compostos pelos seus postos específicos (Caldas, 2014).

Antes de conhecer e executar os elementos táticos acima, o atleta, desde a iniciação, deverá atuar compreendendo os conceitos de Profundidade e Largura defensiva que para Menezes, Reis e Filho (2015); Simões (2012) diz respeito a: profundidade - aumento dos deslocamentos ou corridas dos jogadores, dentro de um sistema defensivo em relação ao comprimento da quadra, muito utilizada nas ações de pressão, dissuasão e em sistemas de defesa abertos por zona (1:5; 3:3; 3:2:1). Largura - aumento dos deslocamentos ou corridas dos atletas, dentro de um sistema defensivo, em relação a largura da quadra, utilizados nos movimentos de flutuação, cobertura, troca de marcador e em sistemas de defesa fechados por zona (5:1; 6:0).

Ao mesmo tempo que o atleta evolui defensivamente, terá que se aperfeiçoar em relação ao ataque, identificando fundamentos táticos ofensivos para melhorar sua performance. Ele terá que conhecer as fases do ataque no handebol (chegada ao ataque, ataque posicional, engajamento e ações táticas). Isso conforme Caldas (2014), diz respeito a evolução e ao processo de treinamento, além de alguns processos cognitivos desenvolvidos pelo treinador junto aos praticantes: percepção, atenção, concentração, tomada de decisão, memória, reconhecimento, linguagem, raciocínio e aprendizagem.

A possibilidade de se construir um modelo de jogo tático que atenda as características dos jogadores brasileiros, requer uma base sólida dos sujeitos envolvidos e o conhecimento sobre o fenômeno, princípios e regras de execução das ações dos atletas (Lozano, Camerino, Hileno, 2016; Souza et al., 2015).

Conforme Menezes e Reis (2014), as alterações táticas do handebol ocorrem mediante objetivos dos jogadores atacantes, com fundamentos específicos e, pelos defensores que tentam impedir as estratégias táticas ofensivas. Toda essa organização estrutural ofensiva e defensiva é denominada de princípios operacionais do jogo.

Seguindo as reflexões dos parágrafos anteriores, existe um sujeito primordial na construção de um modelo tático de jogo no handebol brasileiro. Este indivíduo é o treinador, ele deveria estar habilitado como um dos pilares para o crescimento da modalidade (Cunha et al., 2014). Um grupo de experts devem assumir o papel de líderes dessa atividade complexa que está baseada em relações de poder (Mendes, 2020).

Sobre o conceito de modelo, Amorim (2017) define que um modelo se apresenta como uma representação simbólica de uma instituição ou entidade. Essa é organizada por seus elementos constitutivos (gestores, treinadores, pesquisadores, etc.) cujo papel é facilitar o reconhecimento e a identificação por parte da sociedade. No que diz respeito ao modelo de jogo, esse significa a forma ideal para o funcionamento de uma modalidade, o estilo do praticar um esporte, essencial para que haja reconhecimento nos cenários nacional e internacional (Rigon et al., 2022).

Sendo assim, o objetivo deste estudo foi discutir questões relacionadas ao processo de ensino e treino dos fundamentos táticos defensivos e ofensivos no handebol, fazendo com que os profissionais envolvidos com a modalidade, reflitam e possam traçar um modelo de jogo para o ensino desse esporte em seus ambientes (realidade) de trabalho.

2 MÉTODO

Este estudo trata-se de uma revisão da literatura do tipo narrativa, descritiva e exploratória (Gil, 2008). Este tipo de abordagem permite a descrição e discussão teórico-reflexiva de estudos já produzidos a respeito de um assunto relevante e atual, fornecendo acesso e processamento do conhecimento assim como ideias novas acerca da temática estudada (Antunes et al., 2022). A busca sobre “tática no handebol no que concerne ao uso dos elementos táticos desta modalidade”. O período da pesquisa foi a partir de janeiro a fevereiro de 2024 e foi realizada nas bases de dados do Bireme, Pubmed, Scielo e SPORTDiscus. Foram considerados livros, trabalhos acadêmicos, artigos científicos originais e de revisão pertinentes ao tema. O período de corte temporal dos estudos foi de 10 anos (2013 a 2023).

As palavras chaves foram trabalhadas em três línguas: “Técnica” AND “tática” AND “handebol” OR “tática no handebol” OR “treinamento tático no handebol” E “handebol” OR “ações táticas no handebol” AND “modelo de jogo do handebol”, na língua portuguesa. “Technique” OR “tactical” AND “handball” OR “tactic in handball” OR “tactical training in handball” AND “handball” OR “tactical actions in handball” AND “handball game model” na língua inglesa. “Técnica” OR “tática” AND “balonmano” OR “táctica en balonmano” OR “entrenamiento táctico en balonmano” AND “balonmano” OR “acciones tácticas en balonmano” AND “modelo de juego de balonmano”, na língua espanhola.

Os critérios de inclusão e exclusão. Para inclusão dos estudos nesta revisão, foram utilizados os seguintes critérios: (a) artigos completos publicados em periódicos, estudos monográficos, dissertações e/ou teses; (b) estudos transversais, longitudinais, experimentais e/ou estudos de caso que tenham avaliado os aspectos táticos seja ofensivo, ou defensivo no handebol e sua relação com o processo de E-A-T dos atletas, e (c) artigos em língua portuguesa e inglesa. Foram excluídos estudos que não analisassem a modalidade proposta, estudos que não verificassem aspectos da técnica e da tática envolvidos com o tema estudado.

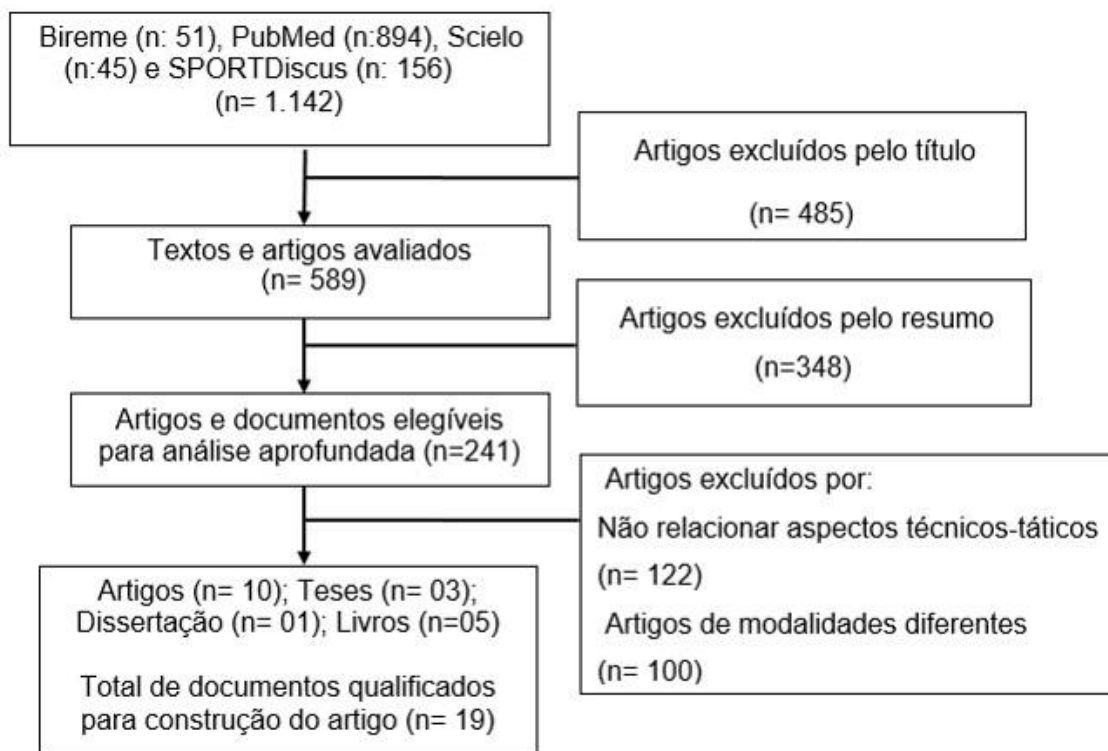
A análise seguiu-se da seguinte premissa: leitura exploratória por título de todo o material encontrado; seleção dos estudos que apresentaram ligação com o tema; leitura seletiva dos estudos da seguinte forma: exclusão de artigos após leitura do resumo, seguindo-se da leitura completa dos estudos compatíveis. Os manuscritos sem ligação com o tema foram excluídos.

As buscas foram realizadas por dois avaliadores de maneira independente, até se chegar ao consenso para inclusão dos estudos. Os que apresentaram duplicidade foram considerados somente em uma base de dados.

3 RESULTADOS

Foram encontrados 1.142 estudos. Após análise destes, 241 documentos foram elegíveis e apenas 19 se adequaram aos critérios da pesquisa, sendo apresentados na Figura 1.

Figura 1. Fluxograma de todos os estudos encontrados nas bases de dados, descartados e incluídos por tipo e quantidade.



Fonte: (Silva, 2024)

Tabela 2 - Estudos encontrados e incluídos neste estudo; percepção dos autores sobre tática e modelo de jogo no handebol.

Autor e Ano	Ensino da Tática no Handebol	Modelo de Jogo (MJ)
(Castro, 2013).	Conhecimento sobre a lógica interna da modalidade.	Num MJ a principal tarefa está ligada aos treinadores, estes terão que ajudar os atletas a conhecer e organizar o conhecimento sobre o jogo, de forma coerente e lógica.
(Caldas, 2014).	Conceitos sobre os fundamentos táticos defensivos e ofensivos no handebol.	O MJ no handebol vai depender do planejamento do treinador e do ambiente onde está inserido.
(Menezes e Reis, 2014).	Tarefa extremamente difícil para os treinadores será a compreensão do cenário técnico-tático do handebol, para o ensino das relações de cooperação e oposição entre os atletas.	A escolha por um MJ no handebol está atrelada as características defensivas e ofensivas proporcionadas pelo adversário.
(Novaes et al., 2014).	A tática no handebol está associada a competência das equipes em se relacionar e estabelecer situações coordenativas para resolver os problemas que emergem no jogo.	O MJ é uma construção das ações defensivas e ofensivas de forma coordenativa, para superar os adversários; numa realização bem-sucedida dessas ações para impedir a finalização adversária.
(Canãdas et al., 2015).	Estabelecer conexões das dimensões cognitivas (atenção, antecipação e tomada de decisão) com os elementos táticos do jogo.	O MJ deve ser baseado nos recursos utilizados pelos treinadores para simplificar as ações do jogo, como os confrontos 2x2 e 3x3.
(Menezes et al., 2015).	Os métodos de E-A-T devem permitir o desenvolvimento das capacidades motoras, cognitivas e socioafetivas no ensino da tática do handebol.	O MJ criado pelo treinador deverá estar sustentado por vários métodos de ensino ligados ao handebol.
(Sousa et al., 2015).	O processo de ensino precisa estar baseado nas características próprias da modalidade em que a complexidade e interatividade são determinantes para o jogo.	O MJ deve estar associado aos sistemas de jogo. Uma vez que existe uma relação de ativação entre estes sistemas e ações defensivas e ofensivas.
(Teles, 2015).	O ensino dos recursos táticos pode ser influenciado pelo nível e aprimoramento dos aspectos técnicos.	O MJ tem um perfil peculiar dos níveis e comprometimentos técnicos dos jogadores.

(Amorim, 2017).	O ensino da tática no handebol consiste na aprendizagem dos meios táticos, atrelados as condicionantes motoras e cognitivas do atleta.	O MJ estará sempre ligado ao jogador mais inteligente e criativo; a partir do processo de treino este deverá apresentar uma maior autonomia e maior capacidade de elaborar suas estratégias individuais para colaborar com a equipe.
(Flor et al., 2017).	Ênfase nas atividades que estimulem os processos cognitivos dos atletas e tarefas ligadas ao sistema nervoso central, manipulando o ambiente de treino, dentro de situações muito próximas da realidade do jogo.	Para se elaborar um MJ o treinador em seu plano de treinamento, deverá controlar as variáveis técnico-táticas envolvidas, utilizando métodos de ensino que enfatizem a aquisição e melhora de ações motoras e cognitivas.
(Mendes et al., 2017).	O ensino da tática está baseado na realidade do jogo, elementos de cooperação e oposição, característicos da modalidade.	O MJ tem estruturas conscientes das hierarquias de conteúdo como nas ações defensivas (recomposição/recuperação da bola) ofensivas (transferência para zona adversária/contra-ataque) e aplicadas ao jogo oportunizando a criatividade.
(Prudente et al., 2017).	O ensino dos elementos táticos deve ser interligado como o perfil comportamental do jogador e como ele precede/antecipa as ações durante o jogo.	O MJ pode também ser estabelecido através dos comportamentos físicos, mas principalmente, dos cognitivos dos jogadores, isto é, atletas mais inteligentes (re)condicionam o jogo.
(Mendes et al., 2018).	Nesse processo deve-se submeter os atletas a resoluções das situações problema a serem enfrentadas.	A construção de um MJ irá cobrar do treinador o conhecimento sobre os princípios estruturais (defensivos e ofensivos) do handebol.
(Pereira, 2018).	O ensino da tática passa pela compreensão dos meios táticos básicos e complexos.	O MJ de uma equipe vai ser construído a partir de todas as informações obtidas pela comissão técnica: eficácia defensiva, ofensiva e de transição.
(Ribeiro et al., 2019).	O processo de ensino baseados nos elementos individuais (físico, compreensão e percepção situacional) e coletivos (cooperação, recuperação da bola) buscam estimular sinergicamente os jogadores.	A compreensão das demandas gerais/globais (correr, saltar e deslocar) e específicas/locais (defender, bloquear e atacar) do jogo podem garantir uma auto-organização individual e coletiva de forma eficaz e se configurar em um MJ.
(Mendes et al., 2020).	Exige o domínio de outras variáveis do treinamento esportivo, organização de pensamentos e decisões sobre o processo em questão.	O MJ deve ser estabelecido a partir dos princípios e regras de coordenação do jogo de handebol, isso sempre pensando nos adversários a serem enfrentados.
(Mendes et al., 2020).	O treino tático deve possuir ações complexas e um elevado nível de incerteza, mas que permitam os atletas desenvolver comportamentos para superar a imprevisibilidade do jogo.	Na construção de um MJ no handebol, é necessário a realização de eventos como: cursos de formação, nivelamento de treinadores, acampamentos regionais e nacionais, entre outros; isso para o desenvolvimento técnico-tático de atletas e treinadores.
(Mendes et al., 2021).	A ideia do treino tático no handebol, baseia-se no desenvolvimento da compreensão do jogo por meio da consciência tática, ao mesmo tempo há melhoria das capacidades físicas, cognitivas e emocionais.	A criação de um MJ requer várias decisões dos treinadores, na seleção e hierarquização das tarefas que favoreçam a assimilação e execução de objetivos e conteúdos das situações problema que irão ocorrer no jogo.
(Rigon et al., 2022).	O ensino da tática no handebol deve propiciar aos atletas, ajustes necessários para resolver as situações individuais e coletivas de equipe.	O MJ representa o funcionamento básico ou da organização geral do jogo de handebol, indicativo das condições mínimas para que este jogo ocorra.

Fonte: (Silva, 2024)

4 DISCUSSÃO

Esta discussão descobre-se sobre todos os estudos encontrados e incluídos sobre o referido tema. Dessa forma, quanto a evolução do atleta e sobre o processo de E-A-T que o treinador submete este indivíduo, a utilização das situações problemas do treino deve permitir que os atletas expressem a criatividade na execução dos fundamentos técnicos e táticos do jogo (Castro, 2013). Por outro lado, conforme Mendes, Dallegrave e Nascimento (2018) o processo de treino-tático da seleção brasileira

feminina juvenil (U18) e júnior (U20), com relação as atividades de um período de treino, permanece elevadas no que diz respeito as situações de jogo sem oposição, por exemplo “2x0” (U18=19.5% e U20= 16.2%).

Segundo Caldas (2014) No desenvolvimento do processo de E-A-T é necessário o aprendizado inicial dos elementos táticos básicos, para avançar em direção das competências táticas específicas. Assim, no que tange ao conteúdo dos elementos táticos defensivos individuais, as exigências devem apresentar dificuldades crescentes, que conduzam os atletas para o domínio das tais intenções táticas, afim de compreenderem as variáveis que afetam o seu funcionamento (Caldas, 2014; Menezes, Reis e Filho, 2015).

Menezes e Reis (2014) questionam treinadores de equipes da categoria adulto feminino sobre as ações individuais de eficácia defensiva, identificou-se uma grande importância a flutuação e a cobertura (ajuda mútua). Para a flutuação foi atribuída uma característica ofensiva ao comportamento dos defensores, por tentar antecipar as ações dos atacantes. A partir da flutuação pode ocorrer uma cobertura, devido à ocupação de espaço na defesa e, ao mesmo tempo, para dar mais segurança ao jogador que flutua. Foi observado por esses autores que, na visão dos treinadores, o elemento inicial e central do jogo na defesa é o controle do jogo 1x1, na qual a ação tática individual da cobertura é imprescindível, dificultando a superioridade numérica ofensiva. Conforme Novaes et al., (2014) a construção de um modelo de jogo, diz respeito, por exemplo, o planejamento e a utilização de elementos técnicos e táticos defensivos.

Quanto a tática de grupo, para Menezes e Reis (2014), a troca de marcação é apontada pelos treinadores entrevistados como uma solução para uma situação de criação de dúvidas (troca de postos) pelos atacantes. Assim, os defensores não irão permitir a produção de espaços pelos atacantes, mediante a marcação por observação, contato corporal e pela ação técnica chamada de encaixe (segurar o oponente). A realização de uma troca de marcação dentro de um sistema de defesa, ocorre, por exemplo, na execução de um cruzamento entre dois atacantes (Caldas, 2014).

Conforme Canãdas et al., (2015) o MJ deve ser construído a partir dos recursos disponíveis para o treinador, este no processo de E-A-T tentará ajudar os atletas nas resoluções das situações problemas transmitindo seu conhecimento sobre o jogo.

Sendo assim, Pereira (2018), analisou qual sistema de defesa a seleção brasileira de handebol juvenil feminino teve mais facilidades (maior incidência de gols) e em qual acontecem mais erros (de regras, de finalização e técnico), considerando os dois sistemas defensivos adversários mais enfrentados pelo Brasil. Realizando 260 ataques enfrentando o sistema de defesa 6:0 e realizou 56 ataques contra o sistema defensivo 5:1. Dentro desses ataques, frente a defesa 5:1, 11 ataques foram finalizados em gol (19,6%), 6 ataques em 7 metros (10,7%), e o restante foram ataques feitos com erros de finalização, técnico e de regras ($\Sigma=75,7\%$). Dessa forma, dos ataques realizados frente ao

sistema 6:0 adversário, 37,7% terminaram em gol (n=98) e 8,5% terminaram em tiros de 7 metros (n=22) e os ataques ineficazes totalizaram em 53,8%.

Ainda Pereira (2018), os resultados acima mostram que a seleção brasileira feminina juvenil atuou melhor contra o sistema de defesa 6:0, com a porcentagem de erros menor. Informações desta natureza mostra que, os treinadores e comissão técnica das seleções brasileiras das categorias de base, devem pensar no treino atrelado ao que foi descoberto (ciência), além de considerar as situações de dificuldades adversárias que poderão enfrentar, isso quer dizer... Construção de um modelo de jogo para a equipe investigada.

Reforçando a discussão, Sousa et al., (2015); Mendes (2020) afirmam que a percepção do treinador é fundamental na construção de um modelo de jogo no handebol. E envolve o desenvolvimento do conhecimento acerca das várias ações que ocorrem nas fases de ataque e defesa, tanto do atleta, quanto da equipe, em função das formas de comportamento tático individual, de grupo e coletivo, exigidos numa partida.

Para Teles (2015); Mendes, Greco, Ibáñez e Nascimento (2021), as atividades do treino que são desenvolvidas para o sistema de defesa, devem ser executadas com altas demandas de antecipação dos defensores sobre os atacantes, utilizando maior profundidade em seus gestos técnicos e táticos defensivos. E no ataque, é necessário que os atletas desempenhem variações técnica-tática, individual, de grupo e coletiva, em situações de pressão espaço-temporal, buscando níveis altos de efetividade.

Em se tratando de ações táticas ou MJ ofensivo, esse estudo discute as ações em que o ataque e a defesa, se encontram posicionados. Para que se tenha um modelo de jogo efetivo, o treino deve exigir dos atletas um repertório diversificado de ações táticas individuais ensinadas em situações de estresse quanto a pressão espaço-temporal, visando altos níveis de performance. Além disso, requer ações táticas de grupo e coletivas (2, 3 ou mais atletas) com decisões para duas ou três possibilidades, exigindo atletas com uma excelente leitura de jogo, principalmente na 1ª linha do ataque (Amorim, 2017; Sousa et al., 2015).

Na pesquisa feita por Prudente et al., (2017) foram observados 16 jogos das 09 primeiras equipes do campeonato Europeu 2012 masculino, analisou-se 1.028 ataques posicionados no jogo 6x6 e, nestes ocorreram 390 situações de 2x2. Isso diz respeito ao uso de ações táticas ofensivas individuais e de grupo em um jogo de alto nível, levando em consideração que o sistema de defesa estava organizado e tentava desenvolver o seu papel evitando o sucesso dos atacantes.

Já nos resultados de Mendes, Pacheco e Taborda (2017), em uma fase de treinamento da seleção brasileira de handebol juvenil masculina, foram contabilizadas 11 sessões para os quesitos técnico e tático. E muitas atividades executadas em meia quadra, na qual os sistemas de ataque e defesa foram trabalhados. Nessas situações houve explicação dos treinadores e compreensão dos atletas do que poderia ocorrer.

Mendes, Pacheco e Taborda (2017), observaram no treino tático que os atletas juvenis se exercitavam em um período na defesa, onde o tempo era controlado pelos treinadores. E, atuando como atacantes, não houve o controle dessa variável, contagem do número de repetições, e ações táticas que a equipe executava. Acredita-se que os treinadores objetivavam passar mais tempo na fase do ataque, buscando um maior entrosamento ofensivo. Também foi observado que muitas das atividades do ataque eram realizadas em fileiras (método analítico), que muitas vezes enfatiza a monotonia/espera do atleta no treino, o que pode causar perdas na aprendizagem da tática para o jogo.

Para Mendes et al., (2020), os exercícios propostos em uma seleção brasileira juvenil (18 anos), não devem estar sustentados apenas por uma metodologia de ensino/ treino mas, por estratégias que mudem o ambiente do jogo, causando variação nos comportamentos dos atletas, para tomar rápidas e certas decisões frente a qualquer situação que o adversário proponha.

Nos achados de Mendes et al., (2020), sobre o nível de oposição (NOP) das atividades do treino das seleções juvenis (feminina = U18 e masculina U19), foram utilizados, com maior frequência e percentual de tempo, tarefas com situações de oposição. Por outro lado, o treinador da seleção U18 realizou atividades com mais frequência situações sem oposição. Essas são particularidades do treino verificadas pelos autores na distribuição das tarefas entre os entrevistados. Coincidência ou não, os achados de Mendes et al., (2020), para seleção juvenil feminina (U18), são similares a outros estudos no âmbito do treino esportivo (atividades de 1x0 e 2x0) (Mendes et al., 2018; Mendes et al., 2017).

Por fim, os resultados de Mendes et al., (2020) revela que o treinador da seleção U18 apresentou maiores dificuldades na estruturação do treino, utilizando a maior parte do tempo atividades analíticas. Esse aspecto foi visto também para profissionais que atuam em categorias de base em outras modalidades (Cañadas et al., 2015). Já o treinador da seleção brasileira de handebol U19 apresentou maior capacidade de manipular o ambiente do treino/jogo dominando, em suas atividades, os aspectos do tempo e espaço envolvendo os atletas nos exercícios de ataque e defesa (Mendes et al., 2020). Essas diferenças metodológicas no ensino da modalidade caracterizam profissionais com um maior conhecimento (Novaes, Rigon, Dantas, 2014).

Para Flor et al., (2017) conforme os estudos citados acima, para se construir um MJ, o treinador deverá, durante a execução do seu plano de treinamento, controlar as variáveis técnico-táticas envolvidas, utilizando métodos de ensino que enfatizem a aquisição e melhora de ações motoras e cognitivas, manipulando o ambiente de treino, diante de situações muito próximas da realidade do jogo na defesa e no ataque.

Conforme Amorim (2017), durante vários anos, as seleções brasileiras de handebol categoria adulta foram dirigidas por treinadores estrangeiros. Tal estratégia rendeu frutos a modalidade quanto ao gerenciamento do treino das seleções de base (cadete, juvenil e júnior). Como exemplos de estratégias, citamos vários acampamentos nacionais e encontros professores de handebol do ensino

superior do Brasil, pensando na evolução de uma comissão técnica multidisciplinar e do atleta. Mas, desde o desligamento desses profissionais das seleções e o fim dos encontros, essas estratégias não foram mais realizadas, gerando perdas substanciais da busca por um modelo de jogo para modalidade.

Para Mendes et al., (2018); Ribeiro et al., (2019), na construção de um modelo de jogo tático dentro de um país, divergências irão surgir entre os peritos do handebol, principalmente ao que se deve ensinar para cada categoria. A busca será uma meta entre os profissionais envolvidos, sobre os conteúdos a serem ensinados, para que, ocorra um aumento gradativo na complexidade das ações táticas individuais, de grupo e coletivas do modelo de jogo proposto. Sendo necessário na etapa de especialização (16 aos 18 anos) a qualificação dos jogadores para máximas prestações esportivas no jogo do alto nível.

Equipes de handebol no alto nível, posicionadas no ataque e defesa organizados em igualdade numérica, obtiveram resultados em que partidas equilibradas são definidas nos 10 minutos finais. Os adversários, principalmente os atacantes, esperam o momento certo de tomarem uma decisão e aproveitam os erros do adversário, optando por realizar ações táticas individuais (Teles e Volossovitch, 2015; Mendes et al., 2017; Prudente et al., 2017; Pereira, 2018).

Pereira (2018) observou a seleção brasileira de handebol no campeonato mundial juvenil feminino de 2016 e analisou o uso dos meios táticos básicos e os meios táticos complexos. Estas últimas, no Brasil, ainda são denominadas de jogadas ensaiadas. O autor aponta que a equipe brasileira utilizou com mais frequência o ataque posicionado, executando os meios táticos básicos e complexos (77%). Em contra partida, utilizou o jogo em transição (contra-ataque) em apenas 22,3% da sua participação em 07 jogos disputados. Esses dados projetam futuras investigações sobre um possível modelo de jogo a ser adotado pelo Brasil, assumindo uma filosofia de jogar mais em transição do que se percebe na atualidade (pensando nas seleções brasileiras de base).

O mesmo autor também observou que a seleção brasileira juvenil feminina, em 07 jogos, obteve 179 gols utilizando os meios táticos em 133 ações (41,6%) e realizou ações de contra-ataque com um valor de 43 (50%). Percebe-se que a equipe executou aproximadamente 3,5 vezes mais os ataques posicionados do que contra-ataques. Em contra partida, a ação de contra-ataque foi mais eficaz, levando em consideração a quantidade em que cada uma dessas ações foi executada.

Conforme Castro (2013); Ribeiro et al., (2019) e Mendes et al., (2020) o que se deve saber para jogar bem já é conhecido no handebol brasileiro há muito tempo. Por isso, este texto propõe uma reflexão sobre o entendimento a respeito de tática e modelo de jogo para se jogar melhor, ou seja, conhecer, executar e respeitar toda a lógica interna da modalidade, pensando em se criar um modelo de jogo para o Brasil. Esta seria a principal tarefa dos envolvidos com a melhoria e evolução do handebol no país, ajudando os atletas a organizarem seus pensamentos e conhecimento, principalmente durante a competição, de forma precisa e efetiva.

Assim, para se construir um modelo de jogo tático para o handebol brasileiro, requer algumas mudanças a partir da CBHb e dos treinadores, que devem possuir um amplo domínio (conhecimento) sobre metodologia científica, planejamento, programação e prescrição do treino; estruturação e hierarquização dos objetivos e conteúdo para cada fase da evolução do atleta; critérios para selecionar esse indivíduo e, possuir entendimento sobre os modelos de jogo dos adversários que comandam a modalidade mundialmente (Mendes et al., 2021; Rigon et al., 2022).

5 CONCLUSÃO

Do que foi discutido na referida investigação sobre o processo de ensino e treino dos fundamentos táticos defensivos e ofensivos no handebol, possibilita a utilização efetiva dos mesmos, fazendo com que os envolvidos com a modalidade possam criar um modelo de jogo para esse esporte dentro da sua realidade de ensino.

Mudanças e inovações de caráter metodológico e prático para o handebol brasileiro, bem como o envolvimento e evolução para modalidade, dizem respeito ao trabalho de vários profissionais. Treinadores, a partir de uma proposta sugerida pela CBHb, devem ter o conhecimento das fases de ensinamento do handebol por categoria, independente da região do Brasil. A proposta de um modelo de jogo deve ser escrita por peritos e disseminada no país, em cursos de capacitação, formação e nivelamento dos treinadores que serão responsáveis por tratar esse conhecimento numa linguagem única.

Vale salientar, que os autores se preocupam em ampliar a discussão sobre a questão tática no handebol brasileiro, além de permitir uma contextualização das possibilidades de ensino inerentes a construção ou proposta de um modelo de jogo. Estimulando a discussão sobre a criação de uma escola de treinadores no país para evolução dos atletas e do handebol brasileiro.



REFERÊNCIAS

- AMORIM, A. M. Desenvolvimento tático-técnico no handebol masculino: estratégias utilizadas nos Acampamentos Nacionais promovidos pela Confederação Brasileira de Handebol. (Tese de Doutorado)- Curso de Educação Física- Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2017.
- ANTÓN, J. L. G. Balonmano: táctica grupal defensiva: concepto, estructura y metodololgia. Madrid: Grupo Editorial Universitario, 2002.
- ANTÓN, J. L. G. *et al.*, . Balonmano: alternativas y factores para la mejora del aprendizaje. Madrid: Gymnos, 2000.
- ANTUNES, A. S.; CAVASINI, R.; FRANKEN, M. Contribuição dos esportes de aventura nas habilidades motoras em escolares: uma revisão narrativa. Arquivos de Ciências do Esporte, v. 10, p. 1-10, 2022.
- CALDAS, I. S. L. Treinando Handebol. 1ª Edição, Recife: Pernambuco: Editora da Universidade Federal de Pernambuco, 2014.
- CAÑADAS, M.; IBÁÑEZ, S. J.; LEITE, N. A novice coach's planning of the technical and tactical content of youth basketball training: A case study. International Journal of Performance Analysis in Sport, v. 15, n. 2, p. 572-587, 2015.
- CASTRO, D. A concepção estratégico-tática no handebol: implicações para a formação de jogadores inteligentes. (Dissertação de Mestrado), - Faculdade de Educação Física-Unicamp, Campinas, 2013.
- CUNHA, A. F. V. P.; ESTRIGA, M. L. D.; BATISTA, P. M. F. Fontes de conhecimento percebidas pelos treinadores: estudo com treinadores de andebol da 1ª divisão de seniores masculinos em Portugal. Movimento, v. 20, n. 3, p. 103-124, 2014.
- DALLEGRAVE, E. J.; BERNO, C. S.; FOLLE, A. Método situacional: aplicação nos treinamentos técnico-táticos de uma equipe de base do handebol feminino. Corpoconsciência, v. 21, n. 01, p. 100-113, 2017.
- FLOR, F. K. S.; SILVA, L. S.; RODRIGUES FILHO, E. A.; VIANA, M. T.; LEÃO, I. C. S. A importância da neurociência para o esporte coletivo: uma revisão narrativa. Revista de Educação Física, v. 86, n. 3, p. 230-238, 2017.
- GALATTI, L. R.; REVERDITO, R. S.; SCAGLIA, A. A.; PAES, R. R.; SEOANE, A. M. Pedagogia do esporte: tensão na ciência e o ensino dos jogos esportivos coletivos. Revista da Educação Física, v. 25, n. 1, p. 153-162, 2014.
- GIL, A. C. Métodos e técnicas de pesquisa social. 6ª Edição, São Paulo: Atlas, 2008.
- IBÁÑEZ, S. J., JIMÉNEZ, A.; ANTÚNEZ, A. Differences in basketball training loads between comprehensive and technical models of teaching/training. Revista de Psicología del Deporte, v. 24 n. 1, p. 47-50, 2015.
- IBÁÑEZ, S. J.; FEU, S.; CAÑADAS, M. Sistema integral para el análisis de las tareas de entrenamiento, siate, en deportes de invasión. E-balonmano.com: Revista de Ciencias del Deporte, v. 12, n. 1, p. 3-30, 2016.

LOZANO, D. J.; CAMERINO, O.; HILENO, R. Interacción dinámica ofensiva en balonmano de alto rendimiento. *Apunts Educación Física y Deportes*, n. 125, p. 90-110, 2016.

MENDES, J. C. Construção do modelo de jogo das seleções brasileiras masculinas juvenil e adulta de handebol. (Tese de Doutorado), UFSC-Florianópolis, 2020.

MENDES, J. C.; GRECO, P. J.; IBÁÑEZ, S. J.; NASCIMENTO, J. V. Construcción del modelo de juego en balonmano. *Pensar en Movimiento: Revista de Ciencias del Ejercicio y la Salud*, v. 19, n.1, p. 1-25, 2021.

MENDES, J. C.; OLIVOTO, R. R.; REINA, M.; MANCHA-TRIGUERO, D.; NASCIMENTO, J. V.; IBÁÑEZ, S. J. Características pedagógicas das tarefas de treino: estudo das seleções feminina e masculina do handebol brasileiro. *E-Balonmano.com: Revista de Ciencias del Deporte - Journal of Sport Science*, v. 16, n. 3, p. 147-158, 2020.

MENDES, J. C.; PACHECO, G. J.; TABORDA, D. S. Caracterização das sessões de treino de handebol: estudo da seleção brasileira juvenil masculina. *Coleção Pesquisa em Educação Física*, v. 16, n. 4, p. 25-32, 2017.

MENDES, J. C.; DALLEGRAVE, E. J.; NASCIMENTO, J. V. Estruturação do processo de treino técnico-tático das seleções brasileiras de handebol feminino. *E-balonmano.com: Revista de Ciencias del Deporte*. v. 14, n. 2, p. 71-78, 2018.

MENEZES, R. P.; REIS, H. H. B. Relação entre eficácia defensiva e elementos técnico-táticos do handebol a partir dos discursos de treinadores experientes. *Revista de Educação Física da UEM*, v. 25, n. 4, p. 513-526, 2014.

MENEZES, R. P.; REIS, H. H. B.; FILHO, H. T. Ensino-aprendizagem-treinamento dos elementos técnico-táticos defensivos individuais do handebol nas categorias infantil, cadete e juvenil. *Movimento, Porto Alegre*, v. 21, n. 1, p. 261-273, 2015.

NOVAES, R. B.; RIGON, T. A.; DANTAS, L. E. P. B. T. Modelo de jogo de futsal e subsídios para o ensino. *Movimento*, v. 20, n.3, p. 1039-1060, 2014.

PEREIRA, L. E. P. Análise do jogo ofensivo da seleção brasileira de handebol feminino categoria juvenil no campeonato mundial 2016. (Trabalho de conclusão de curso de graduação),- Curso de Educação Física- Universidade Federal de Santa Catarina-Florianópolis, 2018.

POMBO, R.; BALDY, H. H.; PEREIRA, M. O handebol, seu cenário imprevisível e os métodos de ensino-aprendizagem-treinamento. *E-balonmano.com: Revista de Ciencias del Deporte*, v. 14, n. 3, p. 165-176, 2016.

PRUDENTE, J.; SOUSA, D.; SEQUEIRA, P.; LÓPEZ-LÓPEZ, J. A.; HERNÁNDEZ-MENDO, A. Analyzing the influence of playing time and partial score on the tactical behavior in the duel 2 vs 2 in the offensive process in handball, using the polar coordinates technique. *Anales de Psicología/Annals of Psychology*, v. 33, n. 3, p. 515- 529, 2017.

RIBEIRO, J.; DAVIDS, K.; ARAÚJO, D.; GUILHERME, J.; SILVA, P.; GARGANTA, J. Exploiting bi-directional self-organizing tendencies in team sports: the role of the game model and tactical principles of play. *Frontiers in Psychology*, v. 10, p. 2213, 2019.

RIGON, T. A.; NOGUEIRA, F. F.; TALARICO, L. R.; DREZNER, R.; NOVAES, R. B.; DANTAS, L. E. P. B. T. Modelo de jogo, estratégia de jogo, estilo de jogo, tática de jogo: concepções úteis para compreender o contexto do jogo esportivo. *Corpoconsciência*, v. 26, n. 2, p. 216-235, 2022.



SCAGLIA, A.; REVERDITO, R.; LEONARDO, L.; LIZANA, C. O ensino dos jogos esportivos coletivos: as competências essenciais e a lógica do jogo em meio ao processo organizacional sistêmico. *Movimento*, v. 19, n. 4, p. 227-249, 2013.

SIMÕES, A. C. *Handebol Defensivo, conceitos técnicos e táticos*. 2ª Edição, São Paulo: Editora Phorte, 2012.

SOUSA, D. J.; PRUDENTE, J. N.; SEQUEIRA, P.; LÓPEZ-LÓPEZ, J. A.; HERNÁNDEZ-MENDO, A. Análisis de las situaciones de juego 2vs2 en el campeonato europeo masculino de balonmano 2012: Aplicación de la técnica de coordenadas polares. *Cuadernos de Psicología del Deporte*, v. 15, n. 1, p. 181-194, 2015.

TELES, N.; VOLOSSOVITCH, A. Influência das variáveis contextuais no desempenho das equipes nos últimos 10 minutos do jogo de handebol. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*, v. 29, n. 2, p. 177-187, 2015.

UEZU, R. Análise das propostas e iniciativas da Confederação Brasileira de Handebol para o aprimoramento profissional. (Tese de Doutorado) Escola de Educação Física e Esporte, Universidade de São Paulo, 2014.